

DIALOGICIDADE E ESCUTA SENSÍVEL: METODOLOGIAS ATIVAS DE UM PROJETO DE EXTENSÃO ENTRE AFETOS DA PANDEMIA DE COVID-19

*Poliana Gomes de Oliveira Guedes**, *Maria Dolores dos Santos Vieira***

RESUMO

O ato de ensinar transcende as paredes da sala de aula e se alinha com os fatores internos e externos que o indivíduo, a ser ensinado, vivencia. Nesse caso, não se pode dissociar a vida da educação. Um exemplo para essa questão é a pandemia decorrente do vírus respiratório chamado SARS-CoV-2, que provoca a doença covid-19. Ele vem produzindo impactos que vão além da ordem epidemiológica e se estendem para os aspectos sociais, econômicos, culturais e políticos de ordem global. Nessa perspectiva, o artigo objetiva discutir a dialogicidade e a escuta sensível como metodologias ativas no ensino superior emergencial remoto durante a pandemia de covid-19, a partir dos dados de um projeto de extensão desenvolvido entre/com docentes e discentes do curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal do Piauí (UFPI). A metodologia empregada foi da realização de visitas virtuais com os partícipes discentes e seus familiares uma vez por semana, nas quais se realizavam a escuta sensível e o diálogo para depois pensar ações de intervenção em conformidade com as necessidades dos sujeitos envolvidos. Os dados produzidos pelo projeto confirmam a dialogicidade e a escuta sensível como metodologias ativas no ensino superior emergencial remoto, além de apresentá-las como movimentos que amenizam os impactos causados pela pandemia de covid-19. Eles foram os caminhos dos afetos que ampararam aquele aluno/a que estava passando por situações críticas, que sentia a falta física do espaço universitário, dos colegas e professores/as. Considera-se, pelas implicações trazidas no estudo, que a dialogicidade e a escuta sensível são dois alicerces de uma metodologia ativa que beneficia a relação aluno-professor e aluno-univer-

* Licenciada em Pedagogia pela Universidade Federal do Piauí (UFPI). Pós-graduanda em Psicopedagogia Clínica, Institucional e Hospitalar pela Faculdade de Ensino Superior do Piauí (FAESPI). Pesquisadora na área de Educação com ênfase em formação de professores e práticas pedagógicas. Membro do Núcleo de Pesquisa em Educação, Formação Docente, Ensino e Práticas Educativas (NUPEFORDEPE–UFPI). ORCID: 0000-0003-3041-0388. Correio eletrônico: polyhanaoliveira@gmail.com

** Doutora em Educação pela Universidade Federal do Piauí (UFPI). Professora da UFPI, Departamento de Fundamentos da Educação (DEFE). Coordenadora do “Projeto Covid-19: a UFPI em casa nas Ações Colaborativas da Pedagogia entre Afetos da Pandemia”. Membro do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Educação, Gênero e Cidadania (NEPEGECI) e Observatório das Juventudes e Violências na Escola (OBJUVE–UFPI). ORCID: 0000-0003-0528-2759. Correio eletrônico: doloresvieiraeduc@hotmail.com

cidade, acolhe e aproxima o discente ao seu curso, de sua universidade, muitas vezes, chamada por eles de sua segunda casa.

Palavras-chave: Dialogicidade. Ensino superior. Escuta sensível. Metodologias ativas. Pandemia.

DIALOGUE AND SENSIBLE LISTENING: ACTIVE METHODOLOGIES OF AN
EXTENSION PROJECT AMONG AFFECTS OF THE COVID-19 PANDEMIC

ABSTRACT

The action of teaching transcends the classroom walls and lines up with the inner and outer factors that the individual to be taught experiences. In this case, life and education cannot be dissociated. An example for this question is the pandemic due the respiratory virus called SARS-CoV-2, which causes the disease Covid-19. It has been producing impacts that go beyond the epidemiological order and extend for the social, economic, cultural and of global order political aspects. In this perspective, the article aims to discuss on the dialogue and sensible listening as active methodologies in the remote-contingent higher education during the Covid-19 pandemic, starting from the data of a project of a university extension among/with the faculty and undergraduates from the Pedagogy Program of the Federal University of Piauí. The employed methodology was the performance of the virtual visits to the students and their families once a week, at which the sensible listening and the dialogue were carried out, for, after, to think about interventions actions that fit the needs of the involved ones. The data produced by the project confirm the dialogue and the sensible listening as active methodologies in the remote-contingent higher education, besides of showing them as movements that soften the impacts caused by the Covid-19 pandemic. They were the paths of the affections that supported that student who was going through critical situations, who felt lack of the physical space of the university, from the colleagues and professors. It is considered by the implications brought in the study that the dialogue and the sensible listening are two foundations of an active methodology that benefits the student-professor and student-university relationships, welcomes and brings the student closer to his course, to his university, often called by the students as second home.

Keywords: Dialogue. Higher education. Sensible listening. Active methodologies. Pandemic.

DIALOGICIDAD Y ESCUCHA SENSIBLE: METODOLOGÍAS ACTIVAS DE UN
PROYECTO DE EXTENSIÓN ENTRE AFECTOS DE LA PANDEMIA DE COVID-19

RESUMEN

El acto de enseñar trasciende las paredes del aula y está alineado con los factores internos y externos que experimenta el individuo a quien se le enseña. En este caso,

no se puede separar la vida de la educación. Un ejemplo para esta cuestión es la pandemia causada del virus respiratorio llamado SARS-Cov-2, que provoca la enfermedad Covid-19. Ha venido produciendo impactos que van más allá del orden epidemiológico y se extienden a los aspectos sociales, económicos, culturales y políticos de un orden global. Desde esta perspectiva, el artículo tiene como objetivo discutir la dialogicidad y la escucha sensible como metodologías activas en la educación superior de emergencia remota durante la pandemia de Covid-19, a partir de los datos de un proyecto de extensión desarrollado entre/con docentes y estudiantes del Curso de Licenciatura en Pedagogía de la Universidad Federal del Piauí (UFPI). La metodología utilizada trataba de la realización de visitas virtuales con los estudiantes participantes y sus familiares una vez a la semana, en las que se realizó una escucha sensible y un diálogo, y luego pensar en acciones de intervención acordes a las necesidades de los sujetos involucrados. Los datos producidos por el proyecto confirman la dialogicidad y la escucha sensible como metodologías activas en la educación superior de emergencia remota, además de presentarlas como movimientos que amenizan los impactos causados por la pandemia Covid-19. Fueron los caminos del cariño que apoyaron a ese estudiante que atravesaba situaciones críticas, que sentía la falta física del espacio universitario, de compañeros y profesores. Se considera por las implicaciones aportadas al estudio que la dialogicidad y la escucha sensible son dos fundamentos de una metodología activa que beneficia la relación alumno-docente y alumno-universidad, acoge y acerca al alumno a su curso, a su universidad, muchas veces llamada por ellos desde su segundo hogar.

Palabras clave: *Dialogica. Educación superior. Escucha sensible. Metodologías activas. Pandemia.*

1 INTRODUÇÃO

O ato de ensinar transcende as paredes da sala de aula e se alinha com os fatores internos e externos que o indivíduo, a ser ensinado, vivencia. Nesse caso, não se pode dissociar a vida da educação. Um exemplo para essa questão é a pandemia decorrente do vírus respiratório chamado SARS-CoV-2, que provoca a doença covid-19. Ele vem produzindo impactos que vão além da ordem epidemiológica e se estendem para os aspectos sociais, econômicos, culturais e políticos de ordem global.

Concomitante a esses impactos está a Educação, afetada diretamente pela pandemia, dado que, com o distanciamento social, o Ensino Remoto Emergencial (ERE) foi a alternativa encontrada para evitar a paralisação das aulas, uma vez que não havia previsão de retorno presencial. No que concerne às universidades federais e estaduais brasileiras, o ensino remoto desafiou professores/as e alunos/as a se adaptarem às novas metodologias de ensino, oriundas das necessidades tecnológicas que o momento exigia.

Partindo dessas considerações introdutórias, o seguinte questionamento pode ser delimitado: de que forma o diálogo e a escuta sensível contribuem como metodologias ativas no ensino superior emergencial remoto no período de pandemia de covid-19? Diante desse questionamento, objetiva-se, neste artigo, dis-

cutir sobre a dialogicidade e a escuta sensível como metodologias ativas no ensino superior remoto na pandemia de covid-19, a partir dos dados de um projeto de extensão desenvolvido entre docentes e discentes do curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal do Piauí (UFPI).

Reflexões em torno da formação docente em tempos pandêmicos, através de ensino remoto emergencial, configuram as pautas de diversas discussões entre os profissionais da Educação e pesquisadoras/es. Há uma extensa preocupação sobre a qualidade do ensino para futuros educadoras/es e a necessidade de desenvolver metodologias ativas capazes de atravessar as telas dos aparelhos digitais e possibilitar uma formação docente não apenas profissional, mas humana, significativa e afetiva. Assim, pretende-se, ao longo deste escrito, contribuir para impulsionar essas discussões, ampliando-as a partir de experiências colaborativas advindas do projeto apresentado na sequência.

2 A UFPI EM CASA: APRESENTANDO O PROJETO

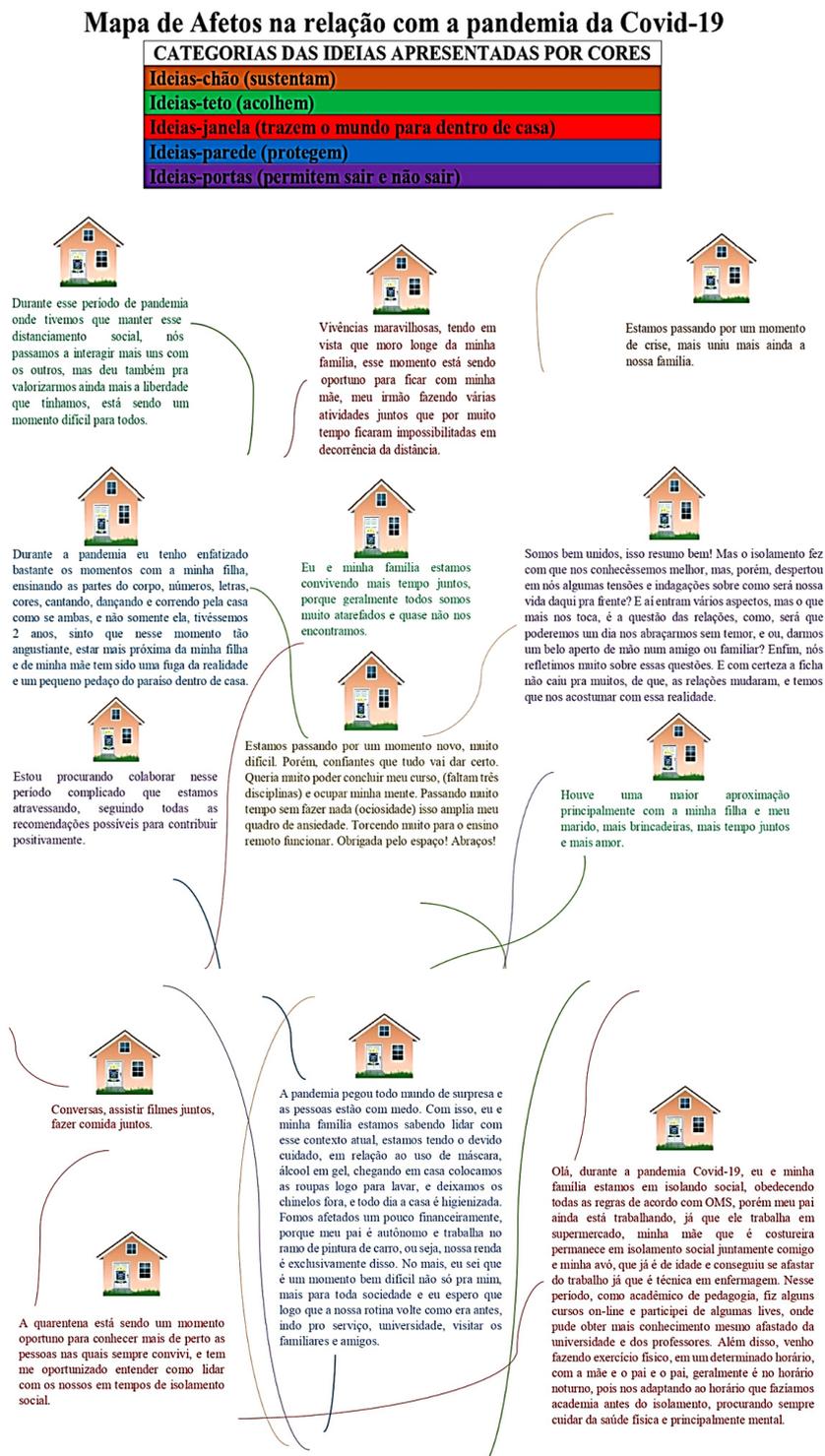
O Projeto Covid-19: a UFPI em Casa nas Ações Colaborativas da Pedagogia entre Afetos da Pandemia de Covid-19 foi desenvolvido no período de 1.º de julho de 2020 a 31 de dezembro de 2020, acolhendo nove discentes do curso de Pedagogia da UFPI e suas famílias. Inicialmente, o projeto contava com um número maior de discentes; porém, aos poucos, alguns foram saindo devido a demandas pessoais e profissionais realçadas pelo isolamento social, perda do emprego, pelo adoecimento de familiares, entre outras dificuldades que surgiram no decorrer do tempo. Ao longo da vigência do projeto, foi possível realizar o deslocamento virtual do território acadêmico para o território familiar dos discentes para escutá-los e saber como estavam enfrentando a pandemia de covid-19 junto com as pessoas de sua família que os acompanhavam.

Mesmo o discente estando distante fisicamente de sua instituição, ela continua presente em sua vida e se interessa em saber como atravessa a pandemia. Com esse reconhecimento, as ações colaborativas realizadas no projeto figuraram em rodas de conversa e escutas virtuais divididas em quatro atividades. A primeira foi a busca ativa dos discentes do Curso de Pedagogia através do Sistema Integrado de Gestão de Atividades Acadêmicas (SIGAA), da UFPI, que estavam matriculados e com frequência inicial nos componentes curriculares Psicologia da Educação I e Fundamentos Psicossociais da Aprendizagem, dos turnos tarde e noite, para que se pudesse pensar a próxima ação. A escolha desses componentes curriculares se deu considerando-se o critério de que eles são ministrados pelas professoras autoras do projeto no Curso de Pedagogia.

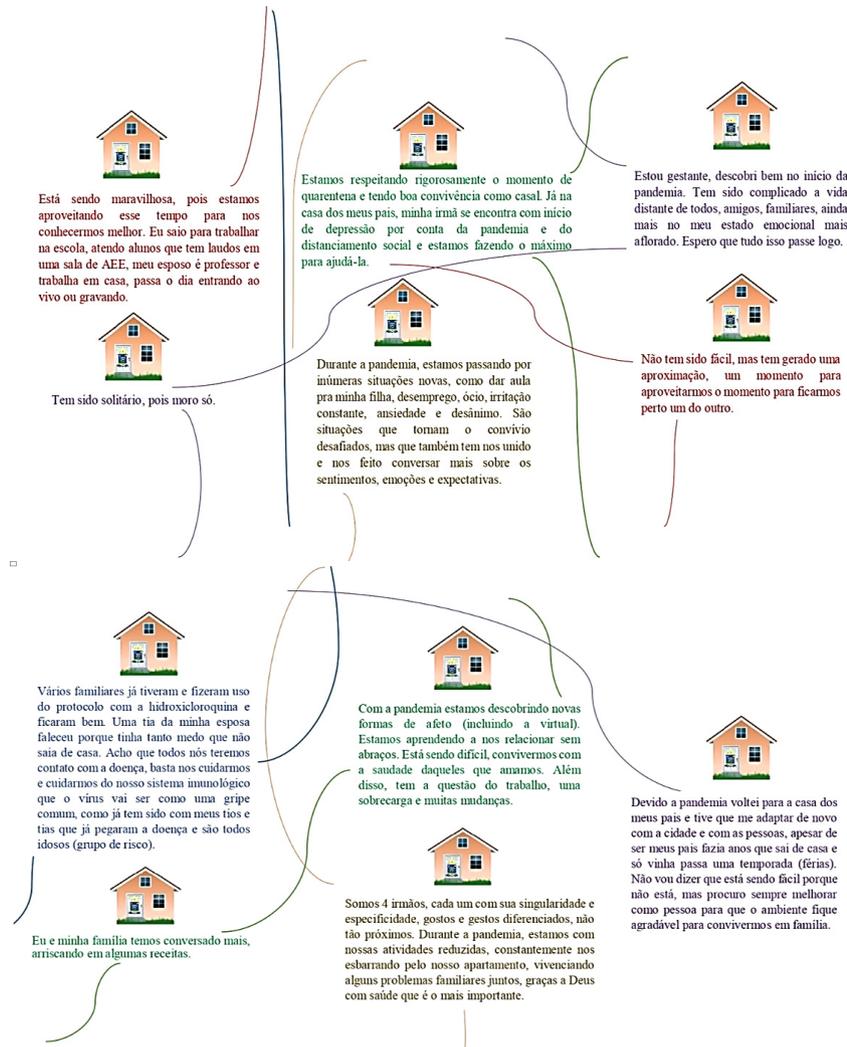
Essas docentes, com auxílio da monitoria do projeto, organizaram a lista de presença desses discentes e os consultaram, via *WhatsApp* e através do Fórum do Curso de Pedagogia, sobre o interesse em participar do projeto e sobre a autorização para as rodas de conversa e visitas virtuais em data e horário devidamente agendados. Acompanhava essa consulta prévia um formulário que foi respondido pelos que se interessaram em participar do projeto. Nesses termos, foram informados e esclarecidos detalhes do projeto, bem como solicitada assinatura digital do Termo de Consentimento para uso de imagens e dados em produções acadêmicas posteriores. As informações geradas a partir dessas consultas e conversas

junto com o formulário de perguntas respondido pelos discentes foram organizadas no dispositivo Mapa dos Afetos, uma cartografia que se tornou o guia inicial para as rodas de conversa e escuta sensível e as visitas virtuais.

Figura 1 – Mapa dos Afetos



(continuação Figura 1)



Fonte: A UFPI em casa (2020).

O mapa dos afetos cartografou sentimentos, sensações, afetos, emoções e sentidos da pandemia de covid-19 na vida dos sujeitos, de suas famílias. Foi um momento de muita intensidade e provocou diferentes deslocamentos conceituais sobre os modos de viver nesse tempo pandêmico pelas pessoas. Pode-se identificar que os riscos de adoecimento, de morte, de desemprego, de separação causavam tensões e processos de fragilização nas pessoas. Cartografar esses afetos e sentidos da vida e da morte foi abrir caminhos para a dialogicidade e escuta sensível aos partícipes.

A segunda atividade foram rodas de conversa e escuta sensível realizadas via plataforma *Google Meet* com discentes e suas famílias sobre os afetos emergentes durante a pandemia de covid-19. Essas rodas de conversa tiveram o tempo de 1h, realizadas em quatro dias da semana, nos horários da manhã, tarde e noite, em conformidade com a disponibilidade dos discentes e de suas famílias. Por vez, participavam apenas um discente e seus familiares junto com a professora-coordenadora e uma monitora do projeto. As rodas de conversa foram gravadas, as falas transcritas para análises futuras, e os afetos revelados conduziram as men-

sagens de esperança enviadas aos participantes, diariamente, através de poesias, cartas, músicas e vídeos, via *WhatsApp*.

Para a terceira atividade foram desenvolvidas as vivências sociopoéticas, outro modo de conhecer e transformar as realidades, principalmente, a nós. As Rodas de Cultura Sociopoética remotas foram realizadas pela plataforma *Google Meet*, uma vez por semana, durante aproximadamente 2h30min. Dessa vez participavam todos os discentes e suas famílias juntos, e os temas das Rodas de Cultura Sociopoética foram gerados conforme os afetos relacionados à pandemia de covid-19. A partir desse tempo, foi possível pensar e construir a roupa dos afetos da pandemia. Outro afeto, como convivência familiar durante a pandemia, levou o grupo a construir a Caixa de Afecções da pandemia. Essas invenções foram apresentadas por cada autor/a durante a visita virtual ou em rodas de conversa coletivas.



Figura 2 – Caixa de afecções construída por uma das participantes do projeto

Fonte: A UFPI em casa (2020).

Figura 3 – Caixa de afecções construída por uma das participantes do projeto

Fonte: A UFPI em casa (2020).



A roupa dos afetos foi um dispositivo criado para que os partícipes pudessem deixar emergir os afetos desse tempo pandêmico e os costurassem nessa roupa. Tratou-se de um exercício de exorcizar os afetos negativos que traziam no corpo, mas, ao mesmo tempo, de também pensar a potência da pandemia. Claro que essa prática causou muito estranhamento, mas esse é o desejo da Sociopoética, produzir a ciência do estranho, da intuição e da invenção. Não foi diferente com a Caixa de Afecções, uma caixa que não é apenas um recipiente, mas um lugar da transversalidade do viver.

Figura 4 – Roupa dos afetos confeccionada por um dos participantes do projeto e sua família



Fonte: A UFPI em casa (2020).

A quarta e última atividade foi a culminância do projeto, com o Show de Talentos, no qual os discentes e suas famílias produziram vídeos com os mais diversos talentos, como culinária, dança, canto e pinturas. O mês de dezembro de 2020 foi dedicado para a organização dos textos produzidos no Diário de Itinerância, análises e escrita do artigo científico a partir dos produtos do projeto, avaliação do projeto pelos discentes e suas famílias e produção do relatório final.

A avaliação do projeto de extensão mencionado possibilitou observar sua contribuição na vida dos participantes, pois as rodas de conversa e escuta sensível produziram diálogos e deles emergiram afetos de solidariedade, esperança, alegria e amor. As ações colaborativas desenvolvidas entre o ambiente universitário e o familiar conseguiram substituir

afetos negativos por positivos, animando o grupo para o enfrentamento dos efeitos nocivos da pandemia de covid-19. Por outro lado, entendemos que não há como transformar integralmente a vida de uma ou mais pessoas, mas pequenas diferenças diárias são capazes de liberar amarras danosas e desbravar pensamentos afetivos e esperançosos.

3 METODOLOGIAS ATIVAS: COMO ELAS EMERGEM NO PROJETO A UFPI EM CASA?

A interligação entre a Educação e a tecnologia se fortalece a cada dia, produzindo mudanças no processo de ensinar e de aprender, uma vez que o mundo físico e o mundo digital se hibridizam na sala de aula, são espaços que se totalizam. Portanto, as práticas pedagógicas correspondem a uma nova realidade e a novas exigências, integrando uma metodologia inerente a um propósito de aprendi-

zagem reflexiva e instigadora pelo professor e pelo aluno. Nesse sentido, apropriamo-nos das rodas de conversa, das visitas virtuais, das práticas da Sociopoética na condição de metodologias ativas.

Diante dessa conjuntura, faz-se necessário discutir sobre metodologias de ensino capazes de atender não somente a essas abordagens tecnológicas, mas também a outras que igualmente são fundamentais para a formação do educando e sua atuação na sociedade. Isso requer um trabalho rigoroso de planejamento e organização de atividades docentes e outras, como essa de extensão, propiciando um conjunto de experiências e situações para o aluno/a. Muitas vezes essas situações se tornam complexas e imprevisíveis, exigindo princípios teórico-metodológicos fundamentados pela ação docente.

Na esteira dessas ideias, Veiga (2008) argumenta sobre a ação transitiva e não reflexiva da aula. Incluímos também a pesquisa e a extensão, pois é esse o entendimento que temos do pensamento da autora, uma vez que essas ações exigem organização didática pelo professor/a, seguindo algumas características, a saber: colaboração, contextualização, coerência, diversidade, flexibilidade, qualidade e objetividade para a autonomia, criatividade, criticidade, ética, solidariedade e colaboração entre alunos e professores. Segundo a autora, um dos aspectos significativos nessa organização está na relação professor-aluno, os quais agem em conjunto. Outro aspecto diz respeito ao reconhecimento, por parte do professor/a, de envolver ativamente o aluno/a no seu processo de aprendizagem.

Nessa proposta de metodologias de ensino ativas na pesquisa e extensão, o professor/a pesquisador/a é o mediador/a do problema, aquele/a que dialoga, ensina e aprende ao pesquisar e extensionar. É quem sensibiliza e faz com que alunos/as se envolvam com as atividades e trabalhos em grupos, em ações colaborativas, que constroem o conhecimento, tolerância, empatia e partilha de experiências. Assim, a relação entre os professores/as pesquisadores/as e alunos/as é baseada no diálogo e na cooperação mútua, aprendendo a se tornarem sujeitos críticos, pensantes e participativos (ALTHAUS; BAGIO, 2017). Foi nessa direção que transcorreu o projeto *A UFPI em Casa*.

A extensão universitária, numa proposta de aprendizagem colaborativa por meio de uma metodologia ativa, é planejada, previamente, pelo professor pesquisador e extensionista, mas executada, coletivamente, com os participantes discentes ou não. A contextualização da realidade dos partícipes precisa ser assegurada, ampliando o conhecimento para oportunizar novas experiências. O espaço pedagógico da pesquisa e da extensão é heterogêneo, o que provoca um desequilíbrio pedagógico saudável, pois há muitas vozes e pensamentos que geram uma polarização de ideias entre os envolvidos, e precisa provocar uma emancipação humana que fuja de saberes e fazeres repetitivos. Esse, na verdade, é o caminho para o encontro do equilíbrio da educação que preze pelo diálogo e pela escuta sensível.

Sobre a implementação das metodologias ativas nas graduações, Simon e Franco (2015) apontam que não são exigidas grandes mudanças físicas ou materiais, pois a maior mudança está na organização das disciplinas e na postura do educador, que passa de informante para facilitador e estimulador da produção do conhecimento pelo aluno. Nesse ínterim, diversas técnicas de ensino em didática podem ser utilizadas nas metodologias ativas, como atividades individuais e em

grupos, pesquisas de campo, painel integrado, projetos de extensão, entre outras. Perspectivando essa compreensão, ocupou-se o lugar da professora pesquisadora e extensionista para prover as condições favoráveis para o desenvolvimento do projeto.

Esse trabalho desenvolvido pela docente é chamado por Zabalza (2004) de função formativa do professor/a, que não é uma questão simples; o professor/a se vê diante de uma dimensão formadora mais flexível, voltada para a adaptação às situações, solução de problemas e que permita o desenvolvimento global do aluno/a. Outro ponto em consonância com o autor é a influência que o docente exerce sobre o discente. Se bem estrutura essa relação, o discente segue com paixão pelo conhecimento, perseverando na busca pelo saber. Do contrário, as frustrações geradas por uma má relação podem levar a experiências menos ricas e influências negativas ao discente. Entretanto, por estar em um ambiente universitário, o acadêmico já tem maturidade para separar as boas e más influências, apesar de ser um aspecto pessoal e subjetivo.

Observou-se, durante o percurso do projeto, o fortalecimento da relação entre as professoras pesquisadoras e extensionistas e os discentes e familiares partícipes do projeto. Entrar em suas casas, conhecer a sua família, escutar as suas histórias, fazer parte da travessia desse tempo pandêmico em que as ausências e os distanciamentos são traços das relações humanas, tecer afetos e aproximações foi o divisor de águas dessa experiência. A UFPI em suas casas através das pessoas que personalizam a instituição reafirmou a necessidade de a academia ultrapassar os seus muros e chegar até a comunidade.

As discussões levantadas até aqui tecem os fios construtores para chegar ao que se entende por metodologias ativas e suas implicações no ensino, na pesquisa e na extensão. O fazer docente é permeado de desafios e aprendizagens diárias, de escolhas e considerações aos aspectos econômicos, sociais, políticos e culturais que se estendem na academia. Dessa forma, adotar uma metodologia ativa não é uma tarefa simples, uma vez que envolve, além das teorias e técnicas de ensino, um eixo norteador na condução do trabalho pedagógico, cuja ênfase está na aprendizagem e compartilhamento do saber entre professor/a e aluno/a.

4 METODOLOGIA

A metodologia do trabalho se assenta no relato e análise de experiências a partir do vivido no projeto de extensão *A UFPI em Casa nas Ações Colaborativas da Pedagogia entre Afetos da Pandemia de Covid-19* desenvolvido com discentes do curso de Licenciatura em Pedagogia da UFPI e suas famílias. O projeto contou com a participação de nove discentes e seus familiares, duas professoras (coordenadora do projeto e vice-coordenadora), além de quatro monitoras, entre elas graduandas do curso de Pedagogia e mestres em Educação, uma advogada e discente do Curso de Filosofia.

Os dados do projeto foram gerados através das gravações das rodas de conversa, das visitas virtuais aos discentes e às suas famílias autorizadas pelos participantes e serão apresentados e discutidos nas seções que se seguem, de modo que aparecerão em diferentes momentos, sem serem fixados em um lugar, mas ocuparão diversos espaços nessa escrita. A análise será pautada pelas formas

como a experiência reverberou nos discentes, em seus familiares, e também nas professoras proponentes do projeto, na equipe de trabalho formada pela monitoria entrelaçadas pelo diálogo com autoras e autores que dialogam com as questões que emergiram no percurso da atividade de extensão.

5 ANÁLISES E DISCUSSÃO

Compreender-se dentro da relação com o mundo faz parte do processo educativo do ser humano. Destarte, nessa relação homem/mundo, o diálogo é essencial, numa linguagem que amplifica a intervenção do sujeito na realidade, ciente de sua condição de ser histórico, social e cultural. No momento atual, o homem se vê diante de múltiplas linguagens devido à expansão tecnológica, o que desafia ainda mais as ações pedagógicas, principalmente na formação de professores que, essencialmente, estão em um momento de construção do seu perfil profissional.

Corroborando essa compreensão, Goulart (2016) discute que a ação humanizadora é propiciada pela Educação em espaço de reflexão cujo diálogo entre formadores e formandos prevaleça. O ato dialógico provoca inquietações no próprio eu e nos pares envolvidos, acende oposições e questionamentos, tudo isso faz parte da formação docente, que, de forma alguma, é simplista e neutra. Se a educação não pode ser descolada da vida, compartilhar as experiências da pandemia é importante para pensar as relações entre a academia e os desdobramentos que lhes escapavam antes da pandemia de covid-19 e que, atualmente, são necessidades e urgências desse contexto de educação remota.

Quando o sujeito entra no ensino superior, leva consigo crenças, opiniões, valores, preferências, vivências e experiências que compõem a sua subjetividade. Alguns se tornam meros espectadores, outros ultrapassam a parcialidade, entoadando novas vozes e reflexões. Do dado, infere-se que tudo influi sobre a formação do sujeito e, em se tratando da formação docente, o que já está definido será complementado e ampliado. Pode-se assim redefinir algumas ideias ou mesmo substituí-las, mas outras não.

O sujeito crê e inventa, é essa a dupla potência da sua subjetividade, ele reflete e se reflete, retira um poder daquilo que lhe afeta, por isso pode inventar e criar normas, o sujeito aprende através de experiências (DELEUZE, 2012). Essas experiências são coletivas ou individuais. Nelas, o sujeito aprende e apreende, podendo ser positivas ou negativas. Sobre as experiências individuais, não há como deduzir termos maiores, pois são internas e alheias ao próprio indivíduo, somente ele tem mais autoridade para narrar as experiências de si. Sobre as coletivas, pode-se considerar que, quando há dialogicidade, muitas afecções e competências vão sendo absorvidas, como o saber ouvir e compreender o outro.

Isto posto, estabelecer diálogos entre professor/a e aluno/a pode viabilizar a construção de novos saberes baseados na empatia, na fala e escuta através do respeito. Segundo Goulart (2016), esse ato dialógico não é isolado, uma vez que envolve o si e o outro, envolve atos de flexibilidade e de empatia. Quando não há um caminho de cooperação e compreensão na jornada acadêmica, pode-se desencadear profissionais que não valorizam o trabalho em equipe e opiniões contrárias às suas. É preciso diálogo para fortalecer ideias múltiplas e potencializar vozes.

Para ancorar essas discussões, Freire (1996) defende a disponibilidade ao diálogo pelo trabalho docente, ter segurança de expor aquilo que sabe, mas não se envergonhar por não saber algo. O professor/a não sabe de tudo, ele está constantemente aprendendo, em parte, com os próprios alunos. Nesse tempo de pandemia, a abertura ao outro, conforme preconizada por Freire (1996), foi - e é - de grande valia, professora/aluno/a e aluno/a/professor/a, compartilhando anseios diferentes em uma mesma situação. Um ajudando ao outro, a base da ação pedagógica, que não se concretiza somente pelo professor/a ou pelo educando/a.

Durante o ato dialógico, pode haver a divisão das mesmas ideias ou divergências, o fato é que há o momento da fala e o da escuta. Continuando esse diálogo teórico com os contributos de Freire (1996), sugere-se a escuta como uma necessidade no processo pedagógico, pois o professor que escuta transforma o seu discurso em uma fala *com* o aluno e não *para* o aluno. Escutar as dúvidas e os receios do educando, indo além da capacidade auditiva, mas se abrindo às falas, aos gestos e às diferenças do outro.

Sobre a escuta, mais do que o ato de ouvir, deve ser sensível. É sentir o outro, sentir suas palavras, sem julgamentos ou receitas após a escuta. Para Barbier (1998), a escuta sensível se apoia na empatia, pois não mede e não compara. O referido autor afirma em seus escritos que a escuta sensível é um trabalho sobre si e sobre o outro, que é preciso reconhecer a pessoa em seu ser, dotada de liberdade, compreendendo de dentro suas atitudes; trata-se de um escutar-ver através de uma abertura holística, tomando o outro em sua totalidade como pessoa.

Já Spinoza (2009) adianta que estar no mundo é se relacionar com ele e a força de um corpo está no encontro com outro corpo, obtendo conhecimento por meio dessa dinâmica. Assim, professor/a e aluno/a se conectam em um encontro de corpos, composições e decomposições, respeitando a totalidade do outro. Retornando a Barbier (1998), o autor complementa essa visão com a ideia de que a pessoa só existe através de um corpo, não podendo separar imaginação, razão e afetividade; elas interagem entre si, e os cinco sentidos humanos, audição, tato, gustação, visão e olfato se aplicam à escuta sensível.

Uma escuta sensível construída na relação de afeto, empatia e diálogo pode motivar, animar e influir esperança e compaixão ao outro. Em tempos pandêmicos, no qual as mãos não podem ser dadas e abraços se transformaram em “virtuais”, muitas pessoas ficaram mais sensíveis devido à exposição a tantas dúvidas e angústias. Não é possível tocar, mas é possível escutar. É possível compreender e tecer afetos mesmo à distância.

Seguindo essa trilha de ideias, entende-se por ensino superior não apenas a graduação, mas também as pós-graduações *stricto* e *lato sensu* e demais modalidades que se encontram na missão de formar e especializar profissionais em suas respectivas áreas. Desse acordo, as metodologias ativas que envolvem a dialogicidade e a escuta sensível já postas em discussão podem ser utilizadas em diversos cursos de graduação e pós-graduação, na pesquisa e extensão; cada um desses cursos adotando-as à sua maneira, em concordância com as suas especificidades.

No campo da Educação, pode-se dizer que a pandemia acelerou ideias futuras que ainda estavam sendo discutidas timidamente, com muitas controvérsias, como, por exemplo, as aulas, a pesquisa e a extensão em ambiente virtual. Os desafios lançados à Educação nesse tempo descobriram novas possibilidades para

os docentes e discentes desenvolverem o ensino, humanizando um ambiente virtual ainda pouco explorado pela comunidade acadêmica, visto que a grande maioria se dispunha de aulas presenciais.

Nesse sentido, a dialogicidade e a escuta sensível como metodologias ativas nesse ambiente virtual do ensino superior podem amenizar os impactos causados pela pandemia de covid-19. Elas podem amparar aquele aluno/a que está passando por situações difíceis, que sente a falta física do espaço universitário, dos colegas e professores. São dois alicerces de uma metodologia ativa que beneficia a relação aluno-professor e aluno-universidade, na tentativa de acolher e aproximar o discente ao seu curso, à sua universidade, que muitas vezes é chamada por eles de sua segunda casa.

Ao longo do projeto *A UFPI em Casa*, o diálogo e a escuta sensível estiveram presentes em todas as etapas, desde o seu planejamento até a finalização. A coordenação do projeto e a monitoria estiveram sempre em diálogo para organizar o projeto, e as rodas de conversa se estruturaram na escuta sensível com os discentes e suas famílias compreendendo e sentindo as suas colocações.

Apoia-se em Barbier (1998) sobre a importância da escuta sensível na Educação e no estabelecimento da confiança para que esse ato de escutar e ser escutado se desenvolva. Existem pessoas que são mais fechadas e compartilham momentos de sua vida somente com quem sente confiança. Alguns participantes do projeto se entregaram aos poucos nos momentos das visitas virtuais, uns mais tímidos, com receio de relatarem partes de sua vida, principalmente as mais frágeis, outros foram porta aberta e extravasaram a sua dor, seus medos, mas também a esperança de dias melhores, pós-pandemia.

Em contrapartida, outros participantes já iniciaram as primeiras visitas contando seus medos, dificuldades, relatando as experiências difíceis que passaram durante a pandemia. Tudo isso é compreensível, o ser humano é múltiplo, único e a escuta sensível se apoia justamente nessa complexidade humana. Portanto, cada participante teve o seu tempo respeitado e, lentamente, aqueles mais inibidos começaram a dialogar e expressar seus sentimentos, pois a confiança foi sendo construída em cada encontro.

Pensar nessa escuta durante o diálogo entre docente e discente, unindo elos que não foram quebrados, mas distanciados, requereu a sensibilidade da professora em reconhecer o aluno como sujeito de potência, que sente e é afetado pelos fatores internos e externos de sua vida. Nesse caso, o discente deve compreender o professor/a como aquele/a que o ensina, além de ser aquele/a que, assim, pode enfrentar a pandemia de covid-19 em diferentes sentidos. É um processo de escuta de maneira gentil, acolhedora e movido por afetos positivos.

As exigências fazem parte da profissão docente, de estar sempre fazendo leituras, pesquisas, planejamentos, construindo saberes essenciais e complementares, ingressando numa formação continuada, dentre outras. É mister esclarecer que os saberes docentes não se findam, uma vez que estão em constante construção e (re)construção, em um processo contínuo de busca pelo conhecimento, de questionar-se e ser questionado, de explorar o desconhecido.

Tardif (2002) reconhece que os saberes docentes são oriundos da formação profissional, dos saberes disciplinares, curriculares e experienciais. Não se reduz somente a graduação, trata-se de um complemento diário em que o saber vai se

concretizando, cujas experiências e vivências são, notoriamente, observadas e refletidas pelo professor, buscando aprender com cada situação.

O professor carrega consigo os saberes específicos para dar início à aula ou a outra atividade acadêmica, e os alunos podem complementá-la com as suas experiências e os saberes que já possuem; por esse fio-condutor ocorre o entrecruzamento de saberes docentes e discentes. Compartilhar aquilo que se sabe com o outro acarreta um complemento desse conhecimento, pois, à medida que o sujeito narra, vai aprendendo consigo mesmo e com o outro, que expressa o que aprendeu por vezes até de outra maneira.

Desse modo, docentes e discentes aprendem juntos, sem reduzir o trabalho do professor e sem perder de vista o aluno/a como sujeito ativo e contribuinte. Esse saber e agir docentes, na perspectiva de possibilitar o processo de aprendizagem, será alicerçado na *práxis* que, segundo Tardif (2002), é mais do que a unidade entre teoria e prática. Concerne uma *práxis* que amplia os horizontes teóricos abrindo espaços de fala para os envolvidos e a possibilidade de prática, além de técnicas apenas para um *know-how*. São práticas nas quais o sujeito possa questionar e, se necessário, transformar, recriar na sua condição de sujeito inventivo.

Aliando essa discussão com as experiências do projeto *A UFPI em Casa*, notam-se os saberes compartilhados entre alunos/as, professoras e demais envolvidos. Quando as ações foram consolidadas e avaliadas pelos participantes, observou-se que todos aprenderam uns com os outros; mesmo passando pela experiência de pandemia, cada um lidou e sentiu à sua maneira com esse tempo. As atividades práticas foram propositoras de diálogos não somente coletivos, mas também consigo mesmo.

Conforme Freire (2000), pensar o amanhã, próximo ou distante, requer o processo de emersão do hoje, viver os desafios e a insegurança do tempo presente. Esse pensar no futuro foi muito anunciado pelos participantes do projeto, que sempre falavam sobre as dificuldades do momento, mas criavam esperança de dias melhores, com o fim da pandemia. A esperança foi um afeto recorrente nas rodas de conversa e na escuta do início ao fim, como uma necessidade, inclusive apontada por Freire (1992), do ser presente no mundo e sua referência por um amanhã, uma esperança que faz parte da natureza humana.

A parceria estendida entre a universidade e o lar do discente, por meio do projeto, colaborou para a formação do aluno, para o enfrentamento à covid-19 e para a parceria entre docente e discente, defendida por Masetto (1998), provocando, neste último, o interesse por sua própria formação. Realça-se que dialogar e escutar no ensino superior, em tempos de pandemia, descortina uma universidade humana, empática e compreensiva. O professor/a que evolui na busca por essas metodologias ativas contribui dentro desse espaço universitário, pois é ele, juntamente com o discente, que dão luz à vida acadêmica, que produzem e compartilham saberes potentes para escutar e dialogar com a sociedade.

6 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES ABERTAS

Os diálogos e escutas sensíveis desenvolvidos em forma de metodologias ativas no ensino superior, através do projeto de extensão *A UFPI em Casa*, nesse

tempo de pandemia, contribuíram para a reaproximação do aluno com a universidade. Acredita-se que essa atividade extensionista impediu discentes de abandonarem o seu curso. A relação professor-aluno também foi favorecida, uma vez que, ao se construírem e reconstruírem através da dialogicidade, desenvolveram o respeito, a compreensão e o compartilhamento de experiências propositoras de afetos positivos. Os discentes se sentiram amparados e encontraram na postura da professora mediadora um sujeito que, além de ensinar, também aprendia e o escutava, compreendendo-o como um ser pensante, potente e capaz de transformar a realidade, inclusive, a da pandemia.

Por conseguinte, ao finalizar as discussões propostas neste artigo, percebe-se a necessidade de adotar metodologias ativas no ensino superior através do diálogo e da escuta sensível, que são proponentes de uma educação humanizadora, holística, que considera a influência de fatores internos e externos como os efeitos da pandemia na formação do aluno/a e no trabalho docente. O projeto sinalizou que tanto os professores/as quanto os discentes são afetados, mas podem compartilhar saberes, seja por meio de aulas, seja mediante um projeto de extensão, e assim vivenciarem situações que ensejam a continuação da busca pelo conhecimento que não desconsidera o humano.

REFERÊNCIAS

ALTHAUS, Maiza Taques Margraf; BAGIO, Viviane Aparecida. As metodologias ativas e as aproximações entre o ensino e a aprendizagem na prática pedagógica universitária. *Rev. Docência Ens. Sup.*, Belo Horizonte, v. 7, n. 2, p. 79-96, jul./dez. 2017.

BARBIER, R. A escuta sensível na abordagem transversal. In: BARBOSA, Joaquim (Coord.). *Multirreferencialidade nas ciências e na educação*. São Carlos: Editora da UFSCar, 1998, p. 168-99.

DELEUZE, Gilles. *Empirismo e subjetividade: ensaio sobre a natureza humana segundo Hume*. Tradução Luiz B. L. Orlandi. 2. ed. São Paulo: Editora 32, 2012.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. 25. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido*. 1. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos*. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

GOULART, Ilsa do Carmo Vieira. Linguagem, dialogicidade e docência: o processo de formação em atos. *Rev. Diálogo Educ.*, Curitiba, v. 16, n. 49, p. 705-726, jul./set. 2016.

MASETTO, Marcos Tarciso. *Docência na universidade*. 11. ed. Campinas, SP: Papyrus, 1998.

SIMON, Fabiano Colla; FRANCO, Laura Ferreira de Rezende. Estudo das metodologias ativas no ensino superior: revisão sistemática. *B. Téc. Senac*, Rio de Janeiro, v. 41, n. 1, p. 24-35, jan./abr. 2015.

SPINOZA, Benedictus de. *Ética*. Tradução Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

TARDIF, Maurice. *Saberes docentes e formação profissional*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2002.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro. *Aula: gênese, dimensões, princípios e práticas*. Campinas, SP: Papirus, 2008.

ZABALZA, Miguel Angel. *O ensino universitário: seu cenário e seus protagonistas*. Tradução Ernani Rosa. Porto Alegre: Artmed, 2004.

Recebido em: 30 jul. 2021.

Aceito em: 8 nov. 2021.